



Defesa da família

Indulto de pedófilo abala governo e afeta imagem de Orbán na Hungria

— Crise causada por perdão presidencial a homem condenado por abuso sexual de menores provocou uma onda de protestos e renúncias de figuras do alto escalão

JOÃO SCHELLER

O premiê húngaro, Viktor Orbán, como seus aliados Donald Trump e Jair Bolsonaro, gosta de posar de guardião da direita conservadora e cristã. Capitão da nau iliberal dentro da União Europeia, ele apareceu com destaque no noticiário brasileiro na semana passada, após dar abrigo a Bolsonaro por dois dias na Embaixada da Hungria em Brasília.

Mas se o cartaz de Orbán com os conservadores segue alto fora da Hungria, dentro de casa ele enfrenta a maior crise desde que chegou ao poder, em 2010. Tudo por causa do indulto a um pedófilo, que abalou suas credenciais de paladino da cristandade.

Há pouco mais de um mês, um advogado — que permanece anônimo — descobriu que um homem, condenado como cúmplice de abuso sexual de menores em um orfanato do Estado, havia recebido um perdão presidencial. A informação, que constava em atas de decisões da Suprema Corte, foi enviada à imprensa.

“É desconfortável para o governo ter várias pessoas protestando, mas há milhões de pessoas no interior do país que não ficam sabendo de nada”

Ákos Kopper

Pesquisador do Centro de Estudos do Leste Europeu e Internacionais de Berlim

A notícia abalou o governo. A presidente Katalin Novák renunciou. A ministra da Justiça, Judit Varga, que referendou o perdão, também deixou o cargo. A decisão provocou uma onda de protestos convocados por influenciadores digitais em defesa dos direitos das crianças e contra a pedofilia.

Zoltán Balog, líder da Igreja Reformada da Hungria — a segunda maior do país —, aliado de Orbán, também renunciou ao cargo por ter feito lobby para a concessão do perdão presidencial ao pedófilo, que é identificado na imprensa húngara apenas como Endre K.



BERNADETT SZABO / REUTERS

Péter Magyar (à esquerda), advogado que era próximo do governo, agora pede a renúncia de Orbán

O caso se tornou emblemático por conta da defesa da família feita por Orbán, que, segundo críticos, serve como cortina de fumaça para ataque a direitos civis. Uma lei aprovada em 2021, por exemplo, previa aumento de sentenças para pedofilia, mas vem sendo usada para restringir conteúdos com menção à comunidade LGBTQ+.

CORRUPÇÃO. A crise provocou desentendimentos dentro do próprio partido de Orbán, o Fidesz. Figura próxima da direção da legenda, o ex-marido de Varga, Péter Magyar, acusou figuras do partido de corrupção, algo incomum nos últimos 14 anos.

Logo que se tornou público, o governo tentou abafar o escândalo. Os principais canais de TV e jornais, controlados pelo governo ou por aliados, ignoraram o tema por alguns dias, até que ele não pôde ser evitado.

Após a renúncia de Novák e Varga, Orbán tentou se distanciar do caso. “Aconteceu o que tinha de acontecer em uma situação como essa. Boas pessoas também cometem erros”, afirmou o premiê.

Mas os protestos não morreram, principalmente na capital Budapeste, e reuniram 50 mil pessoas, um marco importante para um país com pouco me-

Para entender

Falta de alternativa não renova política húngara

● Controle

Desde 2010, Viktor Orbán controla TVs, rádios, jornais, escolas e universidades, minando o Judiciário e a democracia na Hungria, ao arripio dos burocratas da União Europeia. Mas há outra razão para o premiê manter o poder por tanto tempo: a falta de uma alternativa viável de oposição.

● União

O arco de alianças de oposi-

ção, chamado de Unidos pela Hungria, obteve somente 34% dos votos na eleição de 2022, elegendo 49 dos 199 deputados. Somados a outras legendas de oposição, são 63 deputados, pouco mais de 30% das cadeiras.

● Polônia

Aliada de Orbán, a Polónia escapou da armadilha autoritária em 2023. A virada só foi possível graças à aliança entre Donald Tusk, um líder pró-UE, e a Terceira Via, grupo de Szymon Hołownia e Władysław Kozma, que formaram um governo de coalizão.

nos de 10 milhões de habitantes. “Os protestos mostram uma mobilização que deixa o ambiente virtual e se organiza para pedir uma maior proteção às crianças”, disse a coordenadora do Departamento de Política e Direitos Humanos da Universidade Eötvös Loránd de Budapeste, Alíz Nagy.

RAZÕES. O centro de estudos Political Capital, em relatório publicado dias após a renúncia de Novák, lembrou que as razões para o perdão ao pedófilo permanecem desconhecidas, mas que as acusações de corrupção mostram que há desencon-

tamento em diferentes níveis com o governo. “Por enquanto, o escândalo não parece estar perto do fim”, afirma o texto.

Apesar dos protestos, especialistas não acreditam em mudanças substanciais na Hungria. O governo é acusado de minar a democracia, atacar a liberdade de imprensa e aprovar medidas constitucionais que dificultam o acesso da oposição ao poder.

“Se este fosse um governo democrático, provavelmente teria caído com essa crise”, afirma David Magalhães, professor de relações internacionais da FAAP e coordenador do Ob-

servatório da Extrema Direita. A Hungria já chegou a ser classificada pelo Parlamento Europeu como uma autocracia e vem caindo em rankings internacionais de monitoramento de níveis democráticos.

“As pessoas queriam mudanças e o governo aprovou uma emenda sobre o assunto. Talvez não os que estavam protestando, mas os eleitores mais conservadores estão parcialmente satisfeitos”, afirmou Ákos Kopper, do Centro de Estudos do Leste Europeu e Internacionais de Berlim.

Para ele, o controle que Orbán exerce na política húngara e a natureza do episódio fazem com que a oposição não consiga se aproveitar da crise. “É desconfortável para o governo ter várias pessoas protestando, mas há milhões de pessoas no interior do país que não sabem de nada”, disse Kopper.

RENOVAÇÃO. O domínio de Orbán pôde ser confirmado esta semana, quando o Parlamento aprovou a indicação do ex-juiz Tamas Sulyok como novo presidente da Hungria.

O governo húngaro ainda é visto como um dos baluartes da direita radical, por defender políticas conservadoras e atacar medidas vistas como liberais, em especial em países da Europa. “Orbán exerce certo fascínio na direita radical populista”, afirma Magalhães, para quem o premiê húngaro é um caso de sucesso.

Orbán mantém boas relações com Donald Trump, por quem é citado com frequência durante a campanha presidencial americana. Ele se dá bem também com o presidente da Rússia, Vladimir Putin. A Hungria foi refratária às sanções impostas aos russos após a invasão da Ucrânia.

O premiê também é próximo de Bolsonaro, que chamou o húngaro de “irmão” durante visita a Budapeste, em 2022. Na semana passada, ao explicar ao ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal, as razões da sua estadia na embaixada da Hungria, Bolsonaro alegou ter “interlocução próxima” com as autoridades húngaras sobre “assuntos estratégicos de política internacional de interesse do setor conservador”. ●